

A cultura da figueira no Alentejo

Este trabalho realizado no Centro Hortofrutícola da Escola Superior Agrária de Beja, no Alentejo, teve como objetivos o acompanhamento de um ensaio de sistemas de condução (em vaso e em eixo central revestido) × cultivares (Lampa Preta, Dauphine, CN 250 e Pingo de Mel) na cultura da figueira, num pomar instalado em outubro de 2003.

Mariana Augusta Regato, Idália Manuela Guerreiro, José Eduardo Regato . Escola Superior Agrária de Beja . Inst. Politécnico de Beja (Projeto SRTT)

Existem indícios de que a figueira (*Ficus carica* L.) seja originária do sudoeste da Ásia. A Ásia detém atualmente, 46% da produção de figo, a África 29% e a Europa 17%. Atualmente a produção de figo tem grande importância especialmente nos países que confinam com o Mar Vermelho, Mediterrâneo e Árabe (Félix e Madeira, 2000). A maior produção mundial é proveniente da Turquia (26 %). Em África, o Egito produz 15%, a Argélia 6% e Marrocos 6% da produção mundial. Na Europa, a Grécia representa 8% e a Espanha 4% da produção mundial (OMAIAA, 2011).

Devido à colonização, a figueira foi introduzida no continente americano, onde se encontra bem adaptada, nomeadamente na América do Norte, na Califórnia e na América do Sul, especialmente no Brasil e na Argentina (Vidaud, 1997).

Em Portugal, a área da cultura da figueira é de 7127 hectares e a produção nacional é de 2150 toneladas.

Os mercados mais representativos situam-se no Algarve, Trás-os-Montes (Terra Quente) e Torres Novas. A comercialização efetua-se desde o início de junho até ao final de setembro. O figo para consumo em fresco é transacionado através de intermediários que o comercializam nos mercados regionais e nos mercados abastecedores dos grandes centros urbanos. Os figos provenientes dos pomares tradicionais de sequeiro, destinam-se à secagem (OMAIAA, 2011).

A balança comercial é deficitária, com maior défice para o figo seco. As importações são de figo fresco e seco da Espanha e de figo seco da Turquia. As exportações, com pouco significado, têm como destino Angola e Cabo Verde (OMAIAA, 2011).

Em Portugal, na região do Alentejo, a área cultivada diminuiu nos anos de 1999 a 2001, tendo-se verificado de novo aumento desta área em 2002.

A execução do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva veio permitir a irrigação de uma vasta área de solos com aptidão



agrícola para o regadio, o que poderá conduzir a um relançamento da cultura da figueira com base em sistemas culturais adaptados às condições existentes, tornando-a numa cultura alternativa para o Alentejo.

Material e métodos

O ensaio de variedades × sistema de condução consiste em quatro variedades de figueiras: Lampa Preta, Dauphine, CN 250 e Pingo de Mel conduzidas em vaso e em eixo central revestido e instaladas num compasso de plantação de 5 × 2,5 m.

O ensaio foi realizado em blocos casualizados com três repetições, cada bloco tem 5 árvores de cada variedade num total de 120 árvores, 60 árvores no sistema de condução em vaso e 60 árvores no sistema de condução em eixo.

O sistema de rega utilizado foi o de gota a gota com 2 gotejadores (8 litros por hora) por árvore. A rega foi realizada consoante as leituras efetuadas nos tensiómetros ins-

talados no pomar.

O controlo de infestantes foi feito com um destróador na entrelinha e aplicação de um herbicida na linha.

Procedeu-se à fertilização de acordo com as análises de terra e as análises foliares, efetuando-se uma aplicação fracionada dos adubos através da água da rega, desde março a setembro.

A poda de frutificação foi efetuada anualmente durante o repouso vegetativo, no período de outono-inverno. Realizou-se também a poda em verde em finais de maio.

Foram marcados quatro ramos por árvore em duas árvores por repetição.

Foram registados alguns estados fenológicos: a data do intumescimento dos gomos, aparecimento dos primeiros frutos (lampos), frutos bem definidos em desenvolvimento, início da maturação e aparecimento dos primeiros frutos vindimos.

Foram feitas medições do diâmetro do tronco a 20 cm de altura no início e no fim do

período de observações para a avaliação do vigor da árvore.

Apresenta-se o estudo relativamente aos figos lampos e aos figos vindimos nos anos de 2010 e 2011. Determinou-se a produção comercializável, a percentagem de sólidos solúveis totais e o peso médio do fruto.

Apresentação e discussão dos resultados

Estados fenológicos

A atividade vegetativa das cultivares iniciou-se entre a segunda quinzena de fevereiro e a primeira quinzena de março.

A maturação e a colheita dos figos lampos iniciaram-se em meados de junho.

O aparecimento dos figos vindimos surgiu nos princípios de maio na cv. Pingo de Mel o que está de acordo com Sousa (2010) e em meados de maio nas outras cultivares. A colheita dos figos vindimos teve início nos princípios de agosto, relativamente à cv. Pingo de Mel e em meados de agosto nas outras cultivares, prolongando-se até meados de setembro, tendo sido interrompida no ano de 2011, devido a precipitações abundantes que danificaram os figos, especialmente na cv. CN 250, que ainda apresentava uma grande quantidade de frutos.

Vigor da árvore

Foi medido o diâmetro do tronco das árvores estudadas a 20 cm do solo, no início da atividade vegetativa e após a colheita dos figos lampos.

As árvores apresentaram bom vigor vegetativo, nos dois sistemas de condução.

Produção comercializável

De acordo com a figura 1, verifica-se que as cultivares Lampa Preta, CN 250 e a Dauphine produziram figos lampos, apresentando a Lampa Preta, uma produção mais elevada (13 820 kg ha⁻¹) do que as cultivares CN 250 e Dauphine, que não manifestaram diferenças significativas entre si.

As cultivares que produziram figos vindimos foram a Pingo de Mel, que apresentou a maior produção comercializável, com um valor bastante elevado de 24 020 kg ha⁻¹, seguida da Dauphine e da CN 250 (Petrelli), com produções muito mais baixas (fig. 2).

A CN 250 (Petrelli) obteve a produção mais baixa de figos vindimos, o que está de acordo com a bibliografia, que refere que é uma cultivar tardia e não é uma grande produtora destes figos.

No que se refere à influência do sistema de condução sobre a produção comercializável

(fig. 3), verifica-se no sistema de condução em eixo central revestido obteve-se uma produção média mais elevada de figos lampos e de figos vindimos do que no sistema de condução em vaso. A produção de figos vindimos foi superior à dos lampos no sistema de condução em eixo e inferior no sistema de condução em vaso.

Este sistema permite a entrada de luz, o que conduz à obtenção de frutos em quantidade e em qualidade, o que poderá estar na razão das maiores produções obtidas neste sistema de condução relativamente ao sistema de condução em vaso.

O potencial produtivo das fruteiras depende da forma como as plantas intercetam a radiação fotossinteticamente ativa (Taiz e Zeiger, 2006 citado em Ribeiro et al., 2010). A eficácia como a luz é intercetada depende do sistema de condução da árvore, sendo os frutos com boa exposição, os de melhor qualidade (Lanini et al., 2002 citado em Ribeiro et al., 2010). Observa-se na figura 4, que a produção comercializável média de figos vindimos foi bastante mais alta no ano de 2010.

O facto de a produção comercializável ter sido inferior no ano de 2011, deveu-se à precipitação que ocorreu na altura da colheita (setembro), tendo danificado os frutos.

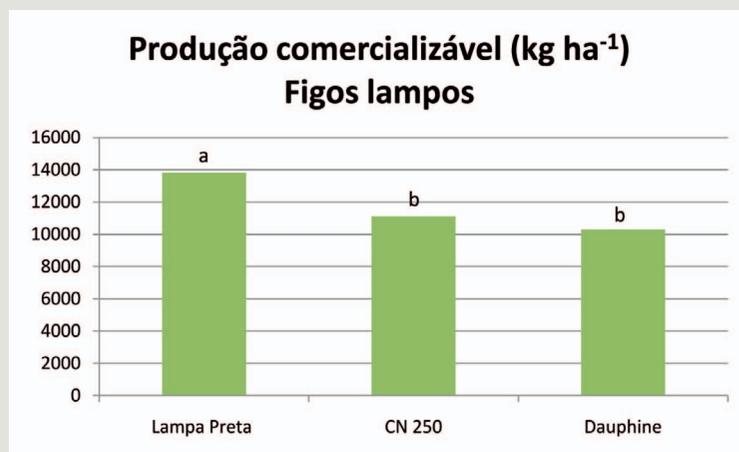


Figura 1 – Efeito da cultivar sobre a produção comercializável (kg ha⁻¹) – figos lampos

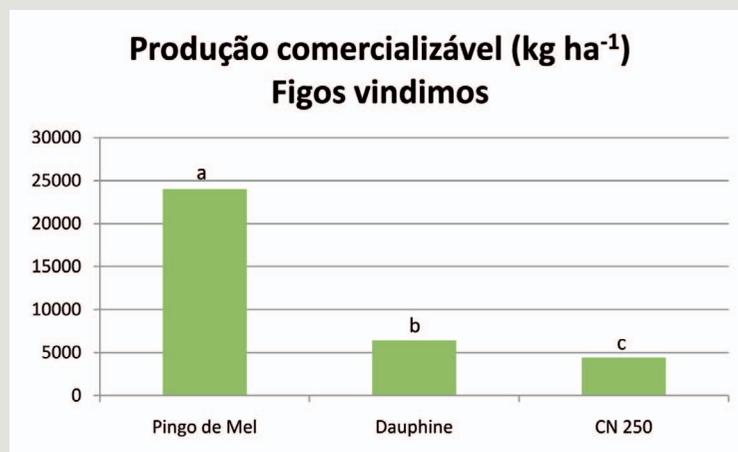


Figura 2 – Efeito da cultivar sobre a produção comercializável (kg ha⁻¹) – figos vindimos

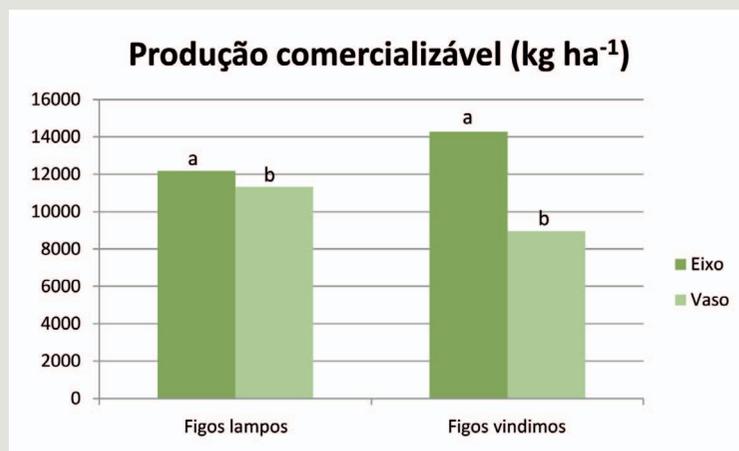


Figura 3 – Efeito do sistema de condução sobre a produção comercializável (kg ha⁻¹)

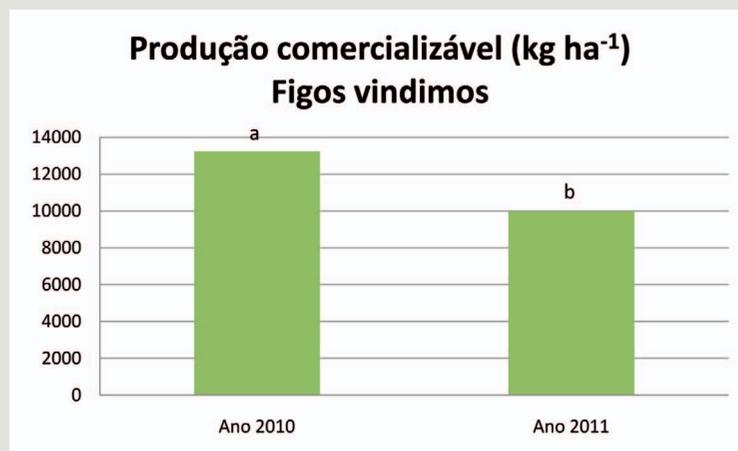


Figura 4 – Efeito do ano sobre a produção comercializável (kg ha⁻¹) – figos vindimos

Sólidos solúveis totais

Verifica-se (fig. 5) que a cultivar Dauphine apresentou o teor mais elevado de sólidos solúveis totais (21,8%) e que diferiu estatisticamente das cultivares CN 250 (Petrelli) (20,7%) e Lampa Preta (20,2%), que não manifestaram diferenças significativas entre si. Os valores apresentados são superiores aos verificados por Sousa e Monteiro (2008) na região de Alcobaça, nomeadamente para a cv. Dauphine, cujo conteúdo em sólidos solúveis totais é de 18,98%.

Os valores médios relativos ao teor de sólidos solúveis totais, foram mais elevados no ano

de 2011, relativamente ao ano de 2010, tanto nos figos lampos como nos vindimos (fig. 6). Este fenómeno pode estar relacionado com a temperatura, uma vez que a temperatura média dos meses de abril, maio, junho e julho no ano de 2011 foi mais elevada do que no ano de 2010.

Fruto

Nos figos lampos, as cultivares Dauphine e CN 250 (Petrelli) apresentaram os frutos mais pesados, diferindo da cultivar Lampa Preta (fig. 7). Os pesos médios obtidos para os frutos des-

tas cultivares são superiores aos verificados por Sousa na região de Alcobaça, nomeadamente para a cv. Dauphine (84,5 g) e Lampa Preta (52,9 g).

No caso da cv. Dauphine, o peso médio do fruto está de acordo com o citado por Vيداud (1997), que refere valores de 100 a 120 g para os figos lampos.

Verifica-se que os figos vindimos têm pesos inferiores aos dos figos lampos, apresentando a cultivar Dauphine o peso mais elevado, seguida da CN 250 (Petrelli) e da Pingo de Mel (fig. 8).

O peso do fruto da cv. Dauphine está de

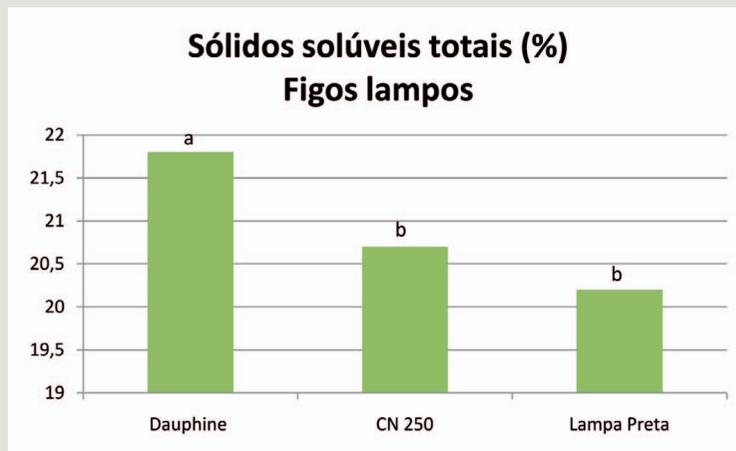


Figura 5 – Efeito da cultivar sobre o conteúdo de sólidos solúveis totais (%) – figos lampos

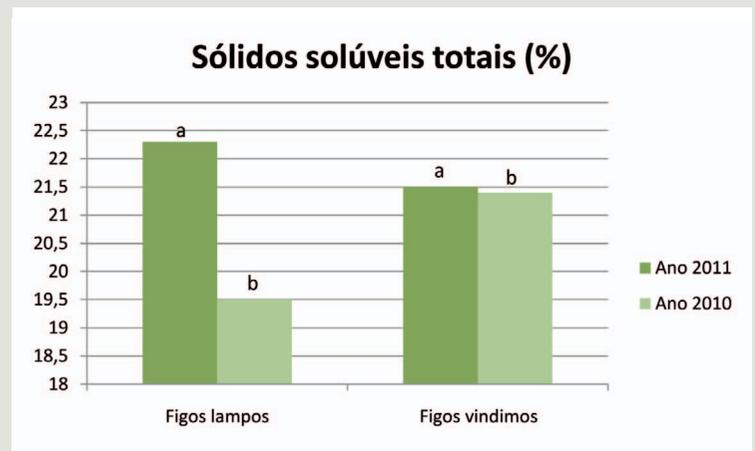


Figura 6 – Efeito do ano sobre o conteúdo de sólidos solúveis totais (%)

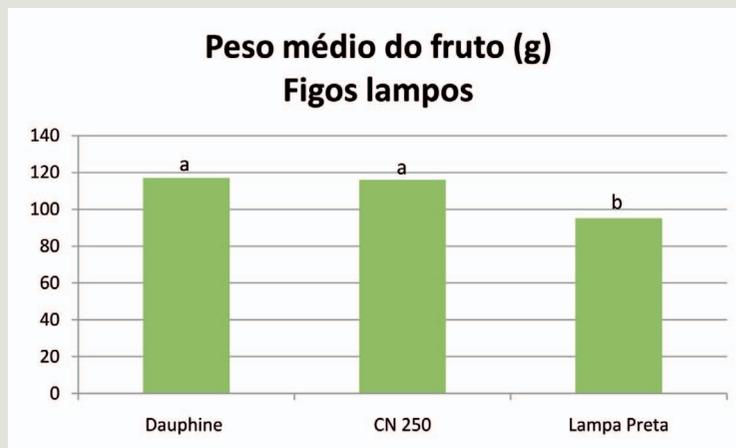


Figura 7 – Efeito da cultivar sobre o peso médio do fruto (g) – figos lampos

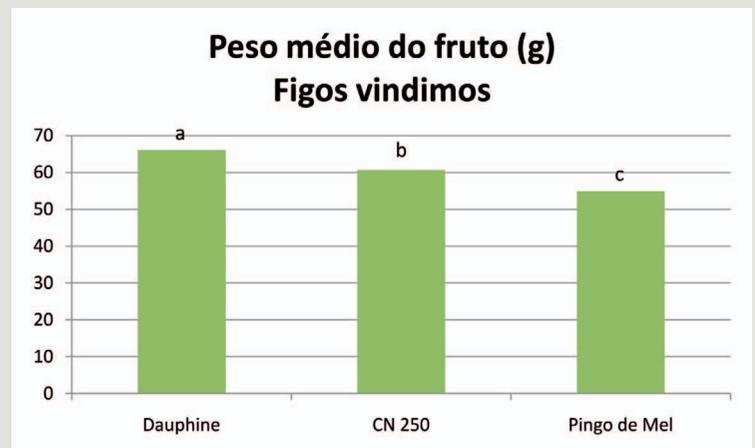


Figura 8 – Efeito da cultivar sobre o peso médio do fruto (g) – figos vindimos

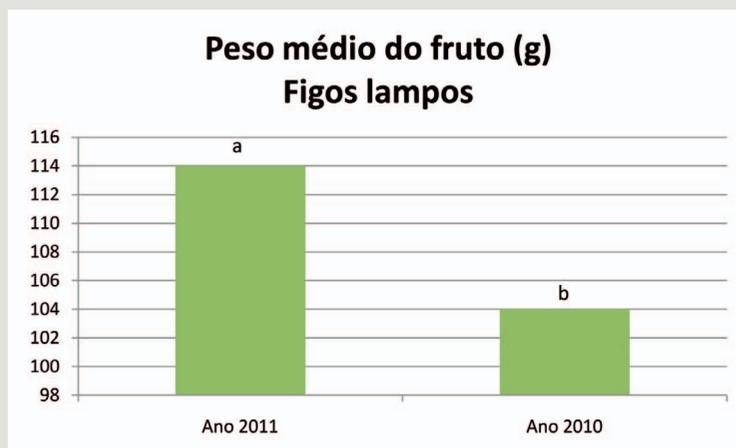


Figura 9 – Efeito do ano sobre o peso médio do fruto (g) – figos lampos

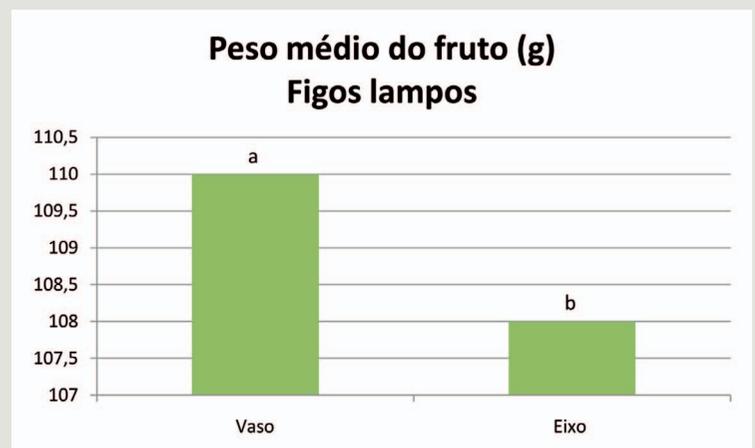


Figura 10 – Efeito do sistema de condução sobre o peso médio do fruto (g) – figos lampos

acordo com Vidaud (1997), que refere um valor entre 60 e 70 g para os figos vindimos.

De acordo com a figura 9, verifica-se que o peso médio dos frutos (figos lampos) foi mais elevado no ano de 2011. Esta situação pode estar relacionada com o facto de a temperatura média ter sido mais elevada no ano de 2011, nos meses em que ocorreu o engrossamento do fruto. Observa-se na figura 10, que os frutos lampos provenientes do sistema de condução em vaso apresentaram um peso médio mais elevado, o que pode estar relacionado com um menor número de frutos por árvore.

Conclusões

Após a realização deste trabalho, podemos concluir que nas condições climáticas de Beja, a cultura da figueira se adapta bem e pode ser uma cultura alternativa para o Alentejo.

Verificou-se que as árvores apresentaram um bom vigor vegetativo. As cultivares CN 250 (Petrelli) e Dauphine produziram figos lampos e vindimos, sendo as produções de figos lampos mais elevadas. Comparando as duas cultivares, a CN250 (Petrelli) obteve uma maior produção de figos lampos do que a Dauphine e esta maior produção de figos vindimos.

A cv. Lampa Preta apenas produziu figos lampos e a Pingo de Mel apenas figos vindimos, sendo a Lampa Preta a maior produtora de figos lampos e a Pingo de Mel a maior produtora de figos vindimos, relativamente a todas as outras cultivares.

No que respeita aos figos lampos, foi a cv. Dauphine que obteve o maior teor de sólidos solúveis totais, não havendo diferenças significativas entre as cultivares para este parâmetro, relativamente aos figos vindimos.

Os figos lampos apresentaram um peso médio superior ao dos figos vindimos, tendo sido a cv. Dauphine a que obteve os figos lampos e os vindimos mais pesados.

As maiores produções de figos lampos e de vindimos foram obtidas no sistema de condução em eixo central revestido.

O ano, ou seja as condições climáticas verificadas em cada ano, também influenciou os resultados obtidos, nomeadamente no que respeita ao teor de sólidos solúveis totais e peso médio do fruto (lampo) cujos valores foram mais altos no ano de 2011, o que pode estar relacionado com a temperatura mais alta registada nos meses de junho, julho, agosto e setembro. Também afetou a produtividade dos figos vindimos, que foi mais alta no ano de 2010, devido à precipitação que ocorreu no mês de setembro em 2011. ☹

Referências

- Duncan, D. B. (1955). Multiple range and multiple "F" tests. *Biometrics*. Vol. 11. 1-42.
- Félix, A.; Madeira, E. (2000). Perspetivas de Produção e Comercialização de Figos para Consumo em Fresco no Algarve. Valorização do Pomar Tradicional de Sequeiro Algarvio. Universidade do Algarve. pp 151-173.
- Monteiro, P.; Sousa, R. M. (2008). Produção de Figos Lampos de Qualidade. Direção Regional de Agricultura e Pescas de Lisboa e Vale do Tejo. Divisão de Modernização e Comunicação. Lisboa.
- OMIAA (Observatório dos Mercados Agrícolas e das Importações Agroalimentares). (2011). A Comercialização do Figo em Portugal. Lisboa.
- Ribeiro, E.; Ramos, A.; Abreu, J.; Martins, J. (2010). Expressão do Potencial Produtivo e Qualitativo da Pereira "Rocha" Segundo a Forma de Condução. 2.º Simpósio Nacional de Fruticultura. Castelo Branco.
- Sousa, R. M. (2010). Cultivares de figo, técnicas de condução e potenciais para o Brasil. 2.º Simpósio Brasileiro sobre a Cultura da Figueira. Desenvolvimento Tecnológico e qualidade. Campinas.
- Vidaud, J. (1997). Le Figuier. Édition Centre Technique Interprofessionnel des Fruits et Légumes. Paris.

PUBLICIDADE
1/2 página